

POLÊMICA

Outras Canções de Liberdade: Uma Crítica de "Todas as Montanhas Atlânticas Estremeceram"*

Robert Sweeny
UQAM/MBHP, Canadá

MÃE PÁTRIA

(...)

Ele procurava trabalho
mas de algum modo este sempre lhe escapava
da sua cama em Brixton
ele andava em círculos desde o raiar do sol,
se indagando onde oh onde nesta cidade
ele tocara na mão de sua mãe pátria
pensando, em breve,
muito em breve agora ela deve me encontrar.

Deixaram-no varrer todos os assoalhos que poderia varrer para eles
não havia cana
na terra deles que ele pudesse cortar,
e às vezes quando estava cansado
eles o olhavam e chamavam-no de preguiçoso
quatrocentos anos,
não foi tempo bastante para fazê-los compreender.

David Campbell

Through Arawak Eyes
(Através de Olhos Arawak)
(Toronto: Dezembro de 1975)

* Tradução: Célia Maria Marinho de Azevedo. Revisão Técnica: Cláudio Batalha e Sonia Nussenzweig. Originalmente publicado em *Labour/Le Travail*, 14 (1984): 161-73. (Committee on Canadian Labour History c/o History Department, Memorial University of Newfoundland, St. John's, Newfoundland, Canadá, A1C 5S7).

Perspicaz, incisivo, quase de tirar o fôlego em sua amplitude de visão e seu aparente domínio do objeto, o recente artigo de Peter Linebaugh em *L/Lt*, 10* é história escrita em grande escala. Uma mistura habilidosa de teoria, fato e literatura, o artigo, precedido como foi pelo tratamento típico da historiografia inglesa canadense do trabalho, pareceu ainda mais impressionante. É claramente o produto de um historiador excepcional, dedicado a um estudo crítico do passado de modo a melhor compreender como transformar o presente. É um objetivo muito louvável, que eu compartilho. Compartilhar objetivos porém não significa necessariamente compartilhar método ou análise. Na verdade, acho que "Todas as Montanhas Atlânticas Estremeceram" é tanto equivocado quanto perigoso. Estas são palavras ásperas, raramente empregadas no discurso polido do debate acadêmico. Decidi empregá-las, precisamente, porque este não é um debate acadêmico, mas sim um debate político. Os debates epistemológicos e, em menor grau, metodológicos que ocuparam um lugar tão proeminente em revistas históricas progressistas nos últimos seis anos, são fundamentalmente debates políticos. Depois dos anos de história produzida no período da Guerra Fria, seguidos pelas efusões infantis dos primórdios da nova esquerda, como poderemos, enquanto historiadores, assegurar que a renovação da análise histórica marxista nos países capitalistas avançados consiga de fato contribuir em direção a mudanças sociais fundamentais?

Este não é um debate de limites pré-determinados e nem mesmo é novo. Se a história do socialismo no século vinte nos ensinou uma lição dialética, esta foi a da importância de uma reavaliação constante, contínua, crítica da prática e do perigo sempre presente de se degenerar em sectarismo. Além disso, temos uma tradição rica, embora irregular, de prática acadêmica e debate progressistas com os quais podemos tanto aprender quanto construir. De fato, um dos méritos do artigo de Linebaugh é que ele tentou, em parte estender uma ponte entre o trabalho dos intelectuais da Terceira e Quarta Internacionais. As questões não são, portanto, novas, como esclarece a bela citação de Morris feita por Linebaugh. Mas a pilhagem do Terceiro Mundo que se alastra cada vez mais e o perigo crescente de um "armagedon" nuclear, no mínimo aumentaram a nossa responsabilidade em enfrentá-las.

I

Antes de entrar a fundo em minha crítica, acredito que seria melhor resumir o meu próprio entendimento da estrutura, teoria e método

* *Labour/LeTravail*, 10 (1982): 87-121 - Traduzido para o português e publicado na *Revista Brasileira de História*, 6 (1983): 7-46 (N.R.).

empregados por Linebaugh em seu artigo. É nestes níveis que eu considero o trabalho mais perigoso, simplesmente porque é destes níveis que é mais provável que outros historiadores tirem inspiração para o seu próprio trabalho. A questão histórica que é a “raison d’être”^{*} explícita do artigo (se a tradição dos debates de Putney pode ser ou não rastreada através de uma diáspora para então retornar como bumerangue – onde acho que Linebaugh erra) pode ser abordada apenas depois de compreender como ele colocou a questão.

A estrutura do artigo é uma constante interação entre dois níveis de discurso. O primeiro, tanto na apresentação como na importância, é literário, mesmo poético. O segundo é historiográfico. A primazia da voz poética, tal como simbolizada por Blake, atende a inúmeros objetivos no desdobramento da estrutura do argumento. Mas não são razões utilitárias que a tornam primordial. O salto poético para o imaginário é um sucedâneo de uma nova ordem social sem exploração, e deste modo é dotado de poderes morais e explicativos que podem ser evocados por Linebaugh contra os diabos gêmeos do imperialismo e empiricismo. De posse de tal armamento, pode-se enveredar pela estrada elevada da universalidade – o que acontece frequentemente com Linebaugh –, e olhar das alturas os níveis mais baixos da especificidade histórica de tempo e lugar. É claro, a estrada elevada pode ser um lugar de refúgio quando os problemas mundanos da especificidade nublam o quadro mais amplo, ou simplesmente interpõem-se no caminho. A primazia da voz poética também prepara o leitor para o principal salto de fé estrutural no argumento: a primazia da linguagem, neste caso o inglês “pindgin”, como prova da generalidade do interesse e experiência que permitiram a transmissão de uma tradição revolucionária.

O poder evocativo da voz poética é ainda mais enfatizado pela fraqueza da versão truncada da historiografia apresentada por Linebaugh como o segundo nível do discurso. O capítulo de abertura de *A Formação da Classe Operária* de Thompson e “A Crise do Século XVII” de Hobsbawm são discutidos como provas da fraca compreensão do Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB) a respeito do desenvolvimento interrompido da Inglaterra entre meados do século XVII e XVIII¹. O primeiro trabalho é visto como ideológico, o segundo como circulacionista e ambos como europocêntricos. Exige-se, portanto, uma análise enraizada em seu contexto produtivo e internacional. Com o desenrolar do argumento, isso se torna muito importante. Permite-se com isso que a Inglaterra seja reduzida a um porto de

* Em francês no original (N.R.).

¹E. P. Thompson – *The Making of the English Working Class*, (London, 1963) e E. J. Hobsbawm – “The Crisis of the Seventeenth Century”, *Past and Present*, 5 e 6 (1954).

partida e subseqüentemente a um porto de entrada. Os aspectos essenciais do seu desenvolvimento tanto ideológico como econômico são vistos como se acontecessem em outro lugar. Assim, as importantes contribuições de Dobb e Rudé – também do PCGB – para a compreensão dos desenvolvimentos internos nos níveis econômico e ideológico, podem ser seguramente ignoradas. Isto pode ser considerado negligência, já que certamente é possível argumentar que a contribuição mais importante do PCGB para as ciências históricas foi lançar o debate sobre a transição.

Diversas questões teóricas excelentes são levantadas no artigo, questões que se tornam especialmente interessantes devido à perícia de Linebaugh em escapar da necessidade de aplicar a teoria à prática. Ao citar Marx com relação à primazia de se estabelecer a organização física da produção e reprodução, Linebaugh enfatiza a importância de se conceber os produtores como trabalho vivo, e depois desenvolve a idéia da existência simultânea de quatro modos de organização do trabalho vivo no período – grande propriedade agrícola (“plantations”), pequenos produtores, sistema de produção doméstica e, o que é mais curioso, navios. Assim se estabelecem as bases de uma análise que acentua a complexidade das relações sociais de produção e abre caminho para uma detalhada análise de classe. Mas a promessa nunca é cumprida. Primeiramente, somos informados de que os produtores da riqueza social e a classe operária são intercambiáveis, uma vez que “não é preciso ser pedante na nossa escolha de palavras”. Daí em diante, o artesão diarista, o produtor camponês, e o escravo da grande produção açucareira são considerados como pertencentes todos à mesma classe social. Este reducionismo um tanto surpreendente encontra sua defesa no exame dos miseráveis da Inglaterra do século XVII. Apresentadas como vítimas da acumulação primitiva capitalista, que anteriormente haviam tido ocupações fixas, a fluidez e a dinâmica social destas pessoas eram tão grandes que “é vã a tentativa de fixar um homem ou uma mulher em uma ou outra categoria social naquela corrente rápida e turbulenta”. Assim, em duas páginas, o miserável faz a sua transição da condição de outro lado da moeda da acumulação primitiva em relação ao proletário para a condição de ponta de lança da classe operária, através de quem a independência, a intratabilidade, a astúcia do proletariado são mantidas.

Como veremos adiante, este abandono da análise de classe foi necessário para que a argumentação da tese principal deste artigo fosse bem-sucedida. Embora isso comprometa obviamente a promessa teórica da análise, havia ainda a possibilidade de uma discussão enriquecedora a respeito da interação e oposições dialéticas inerentes aos vários modos de organização do trabalho vivo. Infelizmente isso não ocorre. Apenas o último dos modos acima mencionados, aquele dos navios, é mantido para algo próximo a um exame

sério. Inspirando-se talvez na prática cigana do “proletariado” de ler a palma da mão, somos regalados com a metáfora da “mão da cooperação dos séculos dezessete e dezoito”, onde os dedos representam os continentes e o polegar, os navios. A interação não é entre modos, mas entre regiões geográficas e assim, presumivelmente, nos desviamos da acusação de europocentrismo. Nós definitivamente navegamos longe do materialismo histórico.

A julgar pela produção típica de nossas revistas de história, a escrita criativa não faz parte do roteiro dos cursos de metodologia de pós-graduação. Contudo, isso pode ser uma técnica importante na exposição histórica. E neste artigo este é nitidamente um elemento chave do método usado. Linebaugh tem um domínio inquestionável da língua inglesa. Nenhuma prosa rebuscada ou parágrafos pesados podem ser encontrados; o homem sabe realmente escrever. Enlevados pelo prazer de tal escrita, demoramos a perceber que há algo errado com aquilo que está sendo dito de fato. O método é reforçado pela competente mistura de jargões e citações de época ao longo do texto, acrescentando a medida certa de autenticidade. Fica-se com a impressão, quase independentemente do que é dito, que o autor conhece o seu tema com intimidade; que ele se sente à vontade no século dezessete dos ladrões de gado, mendigos e vendedores*, seja lá o que forem.

Mas quando se olha mais objetivamente, o método empregado neste artigo é o mais velho de que se tem notícia. Linebaugh procede com ilustrações. Nenhum número maçante, tabelas cansativas, ou gráficos complicados são permitidos, de modo a não estorvar a narração de uma boa estória. Um século na vida de várias comunidades negras em Londres é analisado como se composto de quatro fases distintas: integração, consolidação, abolicionismo e reforma da classe operária. Todas na base de biografias curtíssimas de seis homens. Costumávamos escrever história política assim.

Não é impossível que um argumento histórico com problemas estruturais, teóricos e metodológicos possa ainda ser correto em algum aspecto. Mas não é o caso de “Todas as Montanhas Atlânticas Estremeceram”. O argumento central explícito do artigo é historicamente errado. Linebaugh leva-nos a uma divertida, mais irreal, caçada de gansos selvagens no interior de um mundo mítico e, ao fazê-lo, eu diria que ele prejudica consideravelmente a história real dos indivíduos com os quais ele se preocupa tanto.

O argumento central do artigo é que a tradição revolucionária dos debates de Putney foi transportada através dos mares para a costa da África e colônias do “novo” mundo nas décadas posteriores a 1649, pelas primeiras vítimas da política de expulsão dos miseráveis. Esta “dispersão da parte

* No original, “dunakers, rufflers and bawdy-baskets”. Para um significado mais exato destas palavras, ver a relação contida em Linebaugh - “Todas as montanhas...”, *Revista Brasileira de História*, 6, p. 20 (N.T.).

atuante do proletariado inglês” foi apresentada como uma tentativa de povoar as grandes propriedades agrícolas. Uma vez nas colônias, a tradição sofreu algumas transformações mas, tal qual uma toupeira, ela se apresenta como tendo uma longa vida, aparecendo repetidamente sob várias formas para atormentar as classes dominantes. Tanto nas grandes plantações como, com maior importância para Linebaugh, a bordo dos navios negreiros, criou-se uma nova língua através da qual transmitia-se a tradição revolucionária dos debates de Putney. O inglês “pidgin” de Linebaugh torna-se o depositário desta tradição, que permaneceu viva em várias comunidades negras, todas elas tratadas como se tivessem compartilhado desta língua. Tanto por sua integração parcial na marinha mercante britânica, como ao longo de suas sólidas comunidades em terra firme, particularmente em Londres, estes negros foram bem-sucedidos em recarregar o movimento operário inglês com a sua própria tradição revolucionária. Assim, conta-se a história de revolta, repressão, dispersão, transferência e subsequente revitalização. Nos termos de Linebaugh, a diáspora retornou tal qual um bumerangue sobre classes dominantes, mas com um rosto negro.

Os problemas principais deste argumento são históricos, lingüísticos e conceituais. Embora exista uma importante sobreposição entre estes campos, vou tratá-los nesta ordem. Os problemas históricos decorrem da ausência de uma análise da competição entre os modos de organização do trabalho vivo nas colônias. Este descaso pela especificidade de tempo e lugar é, porém, ainda mais nítido na discussão do idioma que Linebaugh afirma ser a *língua franca*, a qual permitiu a transmissão da tradição dos debates de Putney. Concluirei com uma discussão a respeito da inadequação da “tradição” como um instrumento conceitual e alguns comentários sobre aquilo que percebo ser o propósito do artigo.

II

Cronologicamente o primeiro problema histórico desta argumentação, mas de modo algum o menos sério, é a continuação de uma tradição antinômica naquilo que Linebaugh confunde com a “margem do mapa”. A “estranha ecologia” de alguém era o lar de outro povo. Não estamos simplesmente tratando de uma terra, cujos recursos o capitalismo inglês poderia arrebatar, como Linebaugh nos faria acreditar. O processo em questão é a invasão da América, para emprestar o título de uma estimulante discussão do impacto causado sobre a visão de mundo Quaker pelo seu papel

na destruição das civilizações ameríndias². Além disso, após o choque inicial e a carnificina da invasão europeia da América, estabeleceu-se, na organização do trabalho humano, o maior sistema de produção doméstica do mundo em termos geográficos. Os ingleses independentes, intratáveis e espertos de Linebaugh, que rejeitavam a disciplina dos estratégicos povoados europeus, desempenharam um importante papel intermediário no estabelecimento do comércio de peles. Quando se aventuraram em “um continente de caça a ser conquistado para ser apropriado”, eles foram armados com algo mais que uma moringa e uma rabeca. Embora eles talvez não mais cultivassem o lote de um homem branco, não escapavam às ramificações dos modos de organização do trabalho vivo pelo capital simplesmente porque o trabalho era nativo.

Este não foi o único problema decorrente da falta de continuidade da análise em termos dos modos de organização do trabalho vivo, no que diz respeito às colônias. A grande propriedade agrícola não era uma experiência “compartilhada”, mas um dos diversos modos concorrentes que, no Caribe e na maior parte das colônias americanas sulistas, conseguiram estabelecer o seu domínio. Barbados é um exemplo interessante porque foi um caso em que esta transformação da economia colonial ocorreu bem cedo. Em 1645 a colônia tinha 11.200 pequenos fazendeiros brancos – nem todos eram pequenos produtores independentes –, e 5.680 escravos negros. Em uma geração, havia 745 grandes propriedades agrícolas na ilha empregando o trabalho de 82.000 escravos negros. Ficou assim demonstrado um sistema lucrativo para o capitalismo inglês e, por volta de 1697, esta minúscula colônia exportava para a Grã-Bretanha cinco vezes mais do que o valor das exportações conjuntas da Pennsylvania, New York e Delaware³. Linebaugh afirma que a diáspora não foi “bem-sucedida em produzir uma base estável de acumulação capitalista” no Caribe. Tem razão, mas por motivos errados. A diáspora não teve êxito precisamente porque não era o trabalho deles que seria explorado, uma vez que os miseráveis que fixaram residência permanente nas colônias o fizeram em grande medida de outros modos e em outras colônias. Sua contribuição para o desenvolvimento da acumulação capitalista dentro das estruturas de classe em desenvolvimento nas treze colônias, embora desigual, foi substancial.

Tenho a impressão de que Linebaugh estava ciente da fraqueza de sua linha de argumentação neste ponto. Isto porque, embora aparecessem um tanto unidas nas margens dos seus mapas, as distâncias em experiência e

²Francis Jennings – *The Invasion of America: Indians, Colonialism and the Cant of Conquest*. (Chapel Hill, 1975).

³Embora antigo, continua sendo necessário ler: Eric Williams – *Capitalism and Slavery*. (Chapel Hill, 1944).

espaço entre as colônias, e mesmo dentro delas, eram evidentes por si mesmas. Deste modo, torna-se importante encurtar as distâncias, e a argumentação abandona rapidamente os modos com base em terra firme para se concentrar nos navios. Na verdade não estávamos provavelmente tratando de navios como um todo, mas sim com um sortimento de barcos, barcaças e outras embarcações que exigiam processos diferentes de organização do trabalho devido às diferenças nas equipagens. Mas aqui, é claro, estou sendo pedante, algo de que não se pode acusar Linebaugh, uma vez que ele opera no nível literário da alegoria. Os marinheiros são como trabalhadores fabris:

“O grande emprego de capital, a divisão do trabalho, a sujeição e repetição, a supervisão próxima, o trabalho em equipes, e a saída do lar são as características em comum da marinha com a fábrica”.

Eu poderia arriscar a opinião de que os espartanos nas Guerras Pérsicas também compartilhavam destas características, mas não consigo ver relevância no paralelo em qualquer um dos casos. Por certo, se devemos falar sobre um “proletariado internacional viajando pelos mares” no final do século dezessete e início do dezoito, alguma evidência de uma relação assalariada capitalista deve ser apresentada. Afinal de contas, um navio é uma máquina que produz valor por meio do trabalho da tripulação em sua luta pelo controle da natureza. O modo como o valor é dividido é uma questão histórica fundamental, embora reconhecidamente complexa. A proletarização dos marinheiros, assim como de outras ocupações, é um processo que deve ser estudado, mas não uma suposição *a priori* que se pode tomar como um dado no século dezessete.

É importante para a progressão lógica do argumento de Linebaugh que os marinheiros, particularmente aqueles dos negreiros, sejam proletários. Caso contrário, o bastão da tradição revolucionária, em seu revezamento, poderia vir a cair. Cabe lembrar, os rebeldes do exército do Parlamento passam-no para os miseráveis, que o passam de uma maneira dinâmica e ativa aos marinheiros, que por sua vez o passam para os escravos nos porões, cujos descendentes cruzam a linha bem na hora da marcha final pela Revolução Industrial. O fato de os marinheiros estarem talvez em um time diferente e terem pouco ou nenhum interesse em passar adiante uma tradição igualitária, revolucionária, a homens e mulheres acorrentados em seus porões não ocorre a Linebaugh. Em resumo, seu argumento baseia-se na suposição duvidosa de que os marinheiros não são apenas objetivamente proletarizados, mas que são proletários com consciência de classe.

Mas o melhor está ainda por vir. A partir deste terreno pouco firme, Linebaugh dá o maior salto estrutural neste artigo e conclui:

“Criou-se uma nova linguagem. Uma combinação primeiro, do inglês náutico, segundo, do “saber” do Mediterrâneo, terceiro, do calão hermético do “submundo”, e quarto, da construção gramatical da África Ocidental, produziu o “inglês pidgin” que tornou-se nos anos tumultuosos do tráfico de escravos a linguagem da costa africana... Onde quer que as pessoas tivessem de se entender, o inglês pidgin era a língua franca do mar e da fronteira. Já que como todos que vinham para o Novo Mundo o faziam depois de alguns meses no mar, o pidgin ou seus cognatos marítimos e populares tornaram-se o meio de transmissão para expressar as novas realidades sociais. Em meados do século dezoito havia comunidades de fala pidgin em Filadélfia, New York e Halifa”.

Das alturas de sua voz poética, Linebaugh olhou para baixo e viu particularidades fonéticas em diários de navios, um “dialeto” entre piratas em 1722, um “dialeto” observado na *Critical Review* de 1757, e um grande número de negros na marinha britânica até o final do século dezoito. Possivelmente, com base na suposição de que uma imagem vale por mil palavras de evidência histórica, ele nos apresenta uma “lição de línguas”. Se isso não rebaixasse tanto o feito real, monumental, dos escravos em termos da história dos idiomas no mundo ocidental, este argumento seria risível. A lição é um desenho mostrando 418 escravos acorrentados no porão de um navio de cerca de 250 toneladas. Como fomos informados de que “as pessoas vão falar” e também sobre a importância dos meses no mar para a criação do “meio de transmissão para expressar as novas realidades sociais”, pode-se tão somente concluir que Linebaugh pensa honestamente que em tais condições uma língua pode ser criada e/ou aprendida.

Imagine-se acorrentado a um tosco pedaço de madeira, com apenas sete pés quadrados de espaço total, mal alimentado, vivendo em meio ao excremento de cerca de 400 outras pessoas espremidas ao seu redor por dois ou três meses, tendo sido separado à força de sua família, povoado e meio de vida, e navegando pela primeira vez na sua vida. Você seria capaz de aprender ou criar uma língua rica o bastante para expressar a poética da Bíblia ou os conceitos políticos de Winstanley? Bem, tampouco o seriam as vítimas do tráfico.

III

O campo da sócio-lingüística e a história dos idiomas é bem mais complexo do que o Berlitz de Alto Mar de Linebaugh ou seu dialeto ocasional levam em conta. Não há absolutamente nenhuma evidência quanto à existência de um “inglês pidgin” tal como definido por Linebaugh. Além disso, há décadas de pesquisa em torno das complexas questões da natureza

dos “pidgins” e línguas crioulas (“creoles”) que são diametralmente opostas à visão simplista de Linebaugh⁴. Há bem mais de 100 “pidgins” e línguas crioulas conhecidas que foram ou são faladas no mundo. Apenas um destes pode ser considerado como tendo tido como seu componente principal a variação do inglês padrão que Linebaugh resolveu chamar de inglês náutico. Esta língua, conhecida como “crioulo Pitcarnense”, é ainda falada pelos descendentes dos rebeldes do *HMS Bounty* na ilha onde se instalaram seus antepassados em 1790⁵.

Em lugar de uma única *língua franca* do mar e da fronteira, seja lá o que forem, a complexa variedade das novas realidades sociais criou inúmeras línguas, tanto “pidgins” como “crioulas”. Linebaugh não parece perceber que há uma importante distinção a ser feita entre “pidgins” e línguas crioulas. São diferentes em termos de função, uso e estrutura e, mais importante ainda para o argumento em curso, são histórica e socialmente distintas. Os traficantes de escravos na costa africana usavam “pidgins”, enquanto os escravos nas colônias criaram línguas crioulas. Antes de esboçar rapidamente as hipóteses divergentes em sócio-lingüística, relativas às origens das línguas crioulas, deixem-me esclarecer as distinções elementares entre “pidgins” e línguas crioulas.

A distinção básica é que os “pidgins” não são a língua materna de ninguém. Produto do encontro de diversos povos, sem nenhum idioma em comum, os “pidgins” desenvolveram-se para permitir o comércio e a troca. Enquanto a sua função foi a de facilitar transações comerciais, eles preci-

⁴Este é um campo imenso; talvez os melhores sumários dos pontos de vista em debate possam ser obtidos nas atas publicadas das várias conferências internacionais que têm sido realizadas neste campo desde o fim dos anos 1960. Dell Hymes (ed.) – *Pidginization and Creolization of Languages: Proceedings of a Conference held at the University of West Indies, Mona, Jamaica, April 1968*. (Cambridge, 1971); David DeCamp e Ian Hancock (ed.) – *Pidgins and Creoles: Current Trends and Prospects*. (Washington, 1974); Paul Kotey e Haig Der-Houssikian (ed.) – *Language and Linguistic Problems in Africa: Proceedings of the 7th Conference of African Linguistics*. (Columbia, SC, 1977); Kenneth C. Hill (ed.) – *The Genesis of Language, the First Michigan Colloquium, 1979*; (Ann Arbor, 1979). Albert Valdman e Arnold Highfield (ed.) – *The International Conference on Theoretical Orientations in Creole Studies*. (New York, 1980). Uma boa introdução geral em um volume é a de Albert Valdman – *Le Créole: structure statut et origine*. (Paris, 1978). A bibliografia básica na área está um tanto antiquada, mas é muito detalhada: John E. Reineke – *Bibliography of Pidgin and Creole Languages*. (Honolulu, 1975).

⁵Para mais informações sobre este idioma falado por cerca de 150 descendentes da notória tripulação do Capitão Bligh, ver Ross e Moverly – *The Pitcairnesse Language*. (London, 1964).

saram somente das estruturas mais simples⁶. Ausência de tempo e de artigos, vocabulário muito reduzido e uma estrutura rígida e simples de orações com sujeito, verbo e objeto caracterizavam os "pidgins". Estes códigos lingüísticos representaram um importante papel na criação de um mercado mundial. Entretanto, é importante enfatizar que havia uma variedade de diferentes "pidgins" desenvolvidos em distintas trocas e regiões do mundo, dependendo de quem estava envolvido no comércio. Embora tenha sido negado, por muito tempo, um lugar ao sol da academia para as línguas crioulas, elas são qualitativamente diferentes dos "pidgins" pelo fato de serem línguas completas. As pessoas vivem, amam, trabalham e morrem em línguas crioulas. São as línguas maternas da maioria dos descendentes dos escravos trazidos para as colônias inglesas, holandesas e francesas do Caribe.

Há em sócio-lingüística três hipóteses divergentes relativas às origens das línguas crioulas, nenhuma das quais apóia de modo algum a suposição simplista do artigo de Linebaugh. A tese monogenética, da "relexificação" e da determinação social, tratam da dupla questão da relação entre "pidgin" e a criação das línguas crioulas, e das extraordinárias similaridades entre certos "crioulos" falados em diferentes sociedades. A tese monogenética sustenta que um português "pidgin", em si mesmo uma "relexificação" do "sibir" do Mediterrâneo, tinha uma larga circulação nos séculos quinze e dezesseis. Com variações geográficas importantes, é postulado como tendo sido um dos "pidgins" empregados em diversas trocas como o comércio de chá da China, o comércio de especiarias da Indonésia, o tráfico de escravos da África ocidental e os negócios de metais preciosos da América do Sul. Tido como um desenvolvimento dos primeiros estágios da criação do mercado mundial dominado pelos europeus, os defensores desta tese afirmam que este português "pidgin" forneceu a estrutura inicial sobre a qual puderam ser construídas, nas colônias, as línguas crioulas subseqüentes. A menos que Winstanley, *et alii*, fossem portugueses com trajes de ingleses, não há aqui nenhum apoio para o argumento de que o inglês "pidgin" era a *língua franca* de qualquer um dos sete mares.

Tampouco as hipóteses da "relexificação", nem as da determinação social postulam uma ligação entre o "pidgin" e o "crioulo" no Caribe. Os adeptos da "relexificação" argumentam que, em sua chegada às colônias, as

⁶A importância dada ao aspecto do idioma ser ou não uma língua materna para se decidir se se trata de crioulo ou "pidgin" pode suscitar certos problemas. Por exemplo, a urbanização recente de parcelas da população da Nova Guiné resultou no intercasamento de pessoas sem um idioma comum. Foi criado um idioma, que quando falado pelos pais é considerado um "pidgin", pois não é a língua materna dos pais, mas quando falado por seus filhos é considerado um "creole"! Para uma análise mais detalhada, ver a pesquisa em andamento de Gillan Sankoff na Universidade de Montreal.

populações escravas falavam um grande número de diferentes idiomas africanos, e que sob a influência das culturas dominantes dos senhores de escravos emprestaram vocabulário dos holandeses, ingleses e franceses, enquanto desenvolviam uma síntese, em termos estruturais, das línguas africanas. Os deterministas sociais concordam em grande parte com esta análise, mas vão além para argumentar que a natureza e a função de uma língua é o produto de circunstâncias sociais e históricas particulares. As similaridades na experiência de vida dos escravos dos engenhos, explicariam em grande parte, de acordo com esta escola, as similaridades observadas entre diferentes “línguas crioulas” francesas ou inglesas da Jamaica e Trinidad⁷. Como ambas as escolas enfatizam a primazia da experiência nas colônias, é mais do que evidente que não apóiam o argumento de Linebaugh. Considerável pesquisa histórica adicional será necessária para esclarecer as numerosas questões suscitadas por estas teses divergentes. A complexidade dos problemas históricos envolvidos é talvez melhor ilustrada pelos crioulos falados na colônia do Surinã, inicialmente inglesa e depois, holandesa.

No Surinã, terreno mais reconhecido do que ocupado pelos espanhóis, o primeiro povoado europeu foi estabelecido pelos holandeses em 1551. Sob ordens de Raleigh, os ingleses organizaram diversas incursões na virada do século e, a partir de 1630, governaram algumas partes do país. De 1651 a 1667, quando foi trocada por New York em Breda, o país foi uma colônia inglesa. Poucos lavradores de cana ingleses permaneceram após 1678, e aqueles que partiram tiveram permissão para levar consigo os escravos adquiridos antes de 1667. Há dois crioulos diferentes falados no Surinã. Mutuamente ininteligíveis, ambos derivaram lexicamente do inglês, mas estruturalmente de diferentes línguas africanas. “Sranan” era o crioulo da grande propriedade agrícola ao longo da costa e tinha um vocabulário e estrutura suficientemente ricos para permitir que os missionários da Morávia traduzissem a Bíblia para o “Sranan” em finais do século dezoito. Mais para o interior, a língua crioula desenvolvida foi o “Saramaccan”. Parece ter sido criado por escravos fugidos. Tinha diversas variantes regionais, todas elas derivando lexicamente do português em uma extensão bem maior que o “Sranan”. “Djuka”, uma dessas variantes, desenvolveu um sistema de escrita silábica com fortes paralelos com certos sistemas da África Ocidental. Aqui, como em qualquer lugar, a variedade de “novas realidades sociais” significavam uma variedade de “meio(s) de transmissão”.

⁷ Eles consideram a resposta a situações dadas como provavelmente quase idêntica, devido à influência de estruturas lingüísticas universais que, conforme argumentam, estão na base de todos os idiomas.

IV

As distorções históricas do argumento de Linebaugh devem-se, em grande medida, à sua pobreza conceitual. A ideologia popular em geral, e a ideologia de protesto em particular, são fenômenos complexos. Para Linebaugh, o conceito central para compreender estas questões é o de Tradição. Apesar do *Fiddler on the Roof* (*O Violinista no Telhado*), não acredito que a tradição seja um instrumento conceitual adequado para a tarefa em questão. Utilizando-me de certos achados de George Rudé⁸, eu diria que deveríamos analisar a ideologia popular em termos do relacionamento dialético entre aspectos inerentes e derivados da ideologia popular. Com inerente, quero dizer aquelas idéias e crenças que surgem da experiência vivida de uma situação histórica particular. Concordaria com Marx quanto à primazia analítica do inerente, especialmente quanto ao papel das relações sociais de produção e reprodução. Com derivado, quero dizer tanto a herança ideológica de uma dada classe social ou grupo popular, como aquelas idéias e crenças vindas de fora da tradição das classes populares, sobretudo das várias frações das classes dominantes. A influência cigana de Linebaugh seria um exemplo derivado de uma fonte não-hegemônica. A natureza específica de classe do derivado não deve ser ignorada; minha preocupação aqui é apenas enfatizar que a viabilidade do aspecto derivado depende da natureza do inerente.

Isso contrasta em termos bastante radicais com o quadro conceitual de Linebaugh. Ao que parece, ele acredita que a responsabilidade do historiador é seguir os fios da tradição popular derivada em meio à riqueza do inerente. O resultado é uma distorção da realidade histórica, onde afirmações separadas são apresentadas como sendo ligadas a uma "tradição", simplesmente porque compartilham de um conteúdo ou percepção básicos. A imagem do "Mundo Virado de Ponta Cabeça" é um bom exemplo. Esta imagem é descrita como uma "profunda tradição" desenvolvida desde a profecia de Merlin, através de Shakespeare, a Bíblia de Genebra, a Guerra Civil Inglesa, a Guerra Americana pela Independência e os escritos de Ottobah Cugoano. Minha questão aqui é simples. Em sociedades altamente estratificadas a idéia de uma inversão de papéis pode ser atingida por certo número de pessoas numa variedade de diferentes situações históricas específicas. Não porque a idéia seja derivada de uma tradição cultural, mas porque as relações de classe existentes são tão claramente injustas para aqueles que estão embaixo. As pessoas sonham.

Quando dirigido ao argumento central de Linebaugh, esta crítica é extremamente reveladora. A tradição antinômica não tinha monopólio sobre a teoria ou prática democráticas e a tentativa de impor idéias ou conceitos

⁸Um "précis" de suas reflexões sobre a natureza da ideologia popular encontra-se em *Ideology and Popular Protest*. (New York, 1980).

radicais nas colônias, em termos de uma tradição específica, privam-nas de suas bases objetivas. Quando a Guerra Fria tomou impulso depois do estabelecimento da OTAN, diversos historiadores tentaram redefinir a história ocidental em termos da Revolução Atlântica. Neste artigo, Locke e Rousseau foram substituídos por Winstanley e Blake, enquanto Paine e Cugoano estão agora no lugar de Jefferson e Franklin. O resultado final não difere muito. Ambos sustentam-se num processo europocêntrico de legitimação que nega ação e importância aos habitantes das colônias.

“Todas as Montanhas Atlânticas Estremeceram” dirigiu-se a um problema histórico de modo – penso eu – a melhor compreender um problema da sociedade britânica no presente. E como problemas semelhantes existem em todos os países avançados, Linebaugh, por extensão, dirige-se a uma vasta platéia. O problema é o tratamento do ou da imigrante do Terceiro Mundo em seu “país materno”. Jogando com o preconceito, o medo e a crise estrutural do capitalismo, tanto os movimentos políticos racistas como neofacistas têm feito significativas incursões nas classes trabalhadoras dos países capitalistas avançados. Fossem os problemas restritos à Frente Nacional, Ku Klux Klan e movimentos do tipo Guarda Ocidental, já seria suficientemente sério. Contudo, é muito mais abrangente do que isso, como nos mostram tão vividamente os irracionalismos xenófobos do PCF e os campos de internamento de haitianos na Flórida. Alguns acadêmicos reprovariam uma tal “preocupação com o presente”; eu a recomendo. E é devido à importância do problema político que Linebaugh introduziu corajosamente nos corredores da academia, que eu formulo esta resposta.

O artigo convidou-nos a todos a reconsiderar e mesmo a rejeitar uma história nacional estreitamente definida. Além disso, enfatizou a importância do papel desempenhado por não-europeus na história da classe operária inglesa, e por extensão, europeia. Estes são dois pontos que eu aceito prontamente. Mas o modo como o segundo foi contruído no artigo, não apenas compromete o primeiro, mas impede a análise necessária para uma resposta política adequada ao problema real que está sendo visado. A nova forma de internacionalismo da classe operária que Linebaugh reclama, só pode ser alcançada se as civilizações do Caribe forem compreendidas em sua riqueza e vitalidade. Elas, e não as grandes propriedades agrícolas, foram a importante realização histórica do período. Como escreveu Trefossa, o poeta Sranan, em seu poema a respeito de uma conversa ao retornar da Europa:

mi go - m'e kon
(...)
te dreeten winti sa trotji
na kankantri:
- krioro fa?
m'sa pitji:
- dja mi de,
- Eifeltoren hee pasa
- m'a n' a jorka, a n'a jorka...

Eu fui - Eu venho
(...)
se os ventos da estação seca começarem a cantar
no algodoeiro:
- Crioulo, como?
Responderei:
- aqui estou eu
- A Torre Eiffel é bem mais alta,
- mas não tem espíritos, não tem espíritos...⁹.

Gostaria de agradecer a Joanne Burgess, Christiane Malet e Michel Prairie da UQAM, assim como aos meus colegas da MBHP por suas críticas a uma versão inicial deste ensaio.

⁹Tal como citado e traduzido por J. Voorhoeve em "The Art of Reading Creole Poetry" em Hymes - *Pidginization*, 325.